



Comissão Executiva

Dr. Sérgio Marcos de Benveniste
Dra. Monique Marcos de Benveniste
Prof. Doutor A. A. Marques de Almeida
(Coordenador Executivo e Científico)

Conselho Consultivo

Prof. Doutora Maria José Ferro Tavares
Prof. Doutor António Borges Coelho

Director

Prof. Doutor A. A. Marques de Almeida

Editor

Dr. Paulo Mendes Pinto

Índice

Internacionalização da Cátedra de Estudos Sefarditas
«Alberto Benveniste»

Dicionário Histórico dos Sefarditas Portugueses: Corpo
Prosopográfico de Mercadores e Gente de Trato

Ciclo de Conferências 2002

II Curso Livre de Língua e Cultura Hebraica -
participantes

V Curso de Estudos Sefarditas: Os Sefarditas
portugueses na emergência do Mundo Moderno.
Práticas económicas e formação dos mercados.

VI Curso Livre de Estudos Sefarditas: Problemáticas da
escrita da história - Os Sefarditas portugueses e a
historiografia nacional.

Biblioteca «Alberto Benveniste»

Apoio à Investigação

Notícias

Pelo Mundo

Pela Net

Texto Antológico: "Amigos de Ribeiro Sanches", de
Maximiano de Lemos



Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Al. da Universidade, 1600-214 Lisboa
Telefone 21 79 50 000, ext. 317, Fax 21 79 60 063
Email: cat.ests.sefarditas@mail.fl.ul.pt
Site: www.fl.ul.pt/cat.htm

INTERNACIONALIZAÇÃO DA CÁTEDRA DE ESTUDOS SEFARDITAS «ALBERTO BENVENISTE»: CENTRO ALBERTO BENVENISTE NA ÉCOLE PRATIQUE DES HAUTES ÉTUDES (SORBONNE, PARIS)

Complementando a vocação de investigação da CESAB (História Económica e Social Sefardita), acaba de ser criado em Paris o Centro Alberto Benveniste na École Pratique des Hautes Études (Sorbonne).

O apoio para a constituição e funcionamento deste centro pertence à família Benveniste.

Este centro, paralelo e complementar da CESAB, tem como vocação o estudo da cultura sefardita.

O seu plano de acções centra-se nos seguintes pontos:

- Desenvolver e apoiar os estudos sobre o mundo sefardita, ante se depois de 1472, em especial no domínio do estudo da língua e da cultura; o Centro trabalhará em conjunto com a Secção de Ciências Religiosas da Sorbonne, realizando todo o necessário apoio económico e científico.

O Centro está aberto à apresentação de projectos de investigação;

- Organização anual de uma «Conferência Alberto Benveniste», assegurada por um universitário de renome. A primeira «Conferência Alberto Benveniste» teve já lugar a 15 de Janeiro por Yirmiyahu Yovel, Professor na Universidade Hebraica de Jerusalém, com o título: "La nouvelle altérité: dualités marranes des premières générations";

- Atribuição anual de um prémio de criação e de um prémio de investigação (1.524 Euros) para obras editadas em francês sobre temáticas centrais na vocação do centro.

O Prémio Alberto Benveniste 2002 para criação literária foi atribuído *ex aequo* a Sylvie Courtine-Denamy pela obra *La maison de Jacob* (Phébus), e a Anne Matalon com *Conférence au Club des Intimes* (Phébus); o prémio de História foi atribuído a Nathan Wachtel com o título *Labyrinthes marranes* (Seuil). A entrega realizou-se a 15 de Janeiro, aquando da Conferência Alberto Benveniste;

- Organização, em cada dois anos, dos «Encontros Alberto Benveniste» que reunirão especialistas de cultura sefardita de todo o mundo;

Constituição de um Centro de Documentação e de uma Biblioteca especializada;

- Desenvolvimento de acções em parceria com universidades estrangeiras, nomeadamente com a Universidade de Lisboa, a Stanford University, a Universidade de Washington, a Universidade Hebraica de Jerusalém, a Universidade de Tel-Aviv, entre outras;

A Direcção deste Centro está nas mãos da eminente investigadora Esther Benbassa. A Comissão Científica é constituída por Jean-Christophe Attias, Aron Rodrigues e Sarah Abrevaya Stein.

DICIONÁRIO HISTÓRICO DOS SEFARDITAS PORTUGUESES: CORPO PROSOPOGRÁFICO DE MERCADORES E GENTE DE TRATO

(Ref. POCTI/HAR/42393/2001)

Foi aprovado pela Fundação Para a Ciência e Tecnologia (FCT) este projecto formulado no seio da Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste».

Para mais informações, para além das que se seguem, pedimos a visualização da página respeitante aos projectos de investigação no site da FCT

(<http://www.fct.met.pt/projectos/pub/2001/index.asp?dados=true&ficha=true&pID=42393&areaID=41>)

Apresentação do Projecto:

O Projecto resume-se na organização de uma pesquisa científica tendo em vista a edição crítica e actualizada das entradas que constituirão um *Dicionário Histórico dos Sefarditas Portugueses: Mercadores e Gente de Trato*.

Comparando a historiografia portuguesa sobre a comunidade sefardita com a historiografia espanhola ou francesa, por exemplo, conclui-se que a nossa historiografia é reduzida em extremo, não obstante a qualidade excepcional de alguns estudos.

Paris sem qualquer auxílio

Sei que este ministro (Salema) se tinha má vontade, porque via e tratava com José de Barros que elle vexava; mandei-lhe pedir o quartel vencido da minha pensão com o meu recibo: recusou pagar-m'a, mandando-me dizer que a fosse eu buscar, o que não quiz fazer por temer alguma afronta de que elle era bem capaz conhecendo ser governado pelo seu secretario meu inimigo; escrevi logo ao Secretario do Estado sr. D. Luis da Cunha, escrevi mais duas vezes, nunca tive resposta.»

Essa tormenta ia já longe, finas a recordação era amarga e de envolta com os seus queixumes ia o desejo de receber os quarteis que deixara de receber.

Alguma coisa lhe respondeu o amigo que lhe não deu grandes esperanças de alcançar esse dinheiro. A 16 de Junho lançava esta nota: «ao sr. Alcaçova sobre o refuso dos livros e fantasias.»

À medida que a morte se vai avizinando as notas do Diário são mais raras e mais curtas. A 9 de Janeiro de 1779 temos uma nota de que outra vez se dirigiu a Alcaçova, sem indicação de qual fosse o objecto.

No ano seguinte, a 2 de Junho, entre outras cartas a que tencionava responder mencionava duas que recebera do seu amigo.

Desde então o nome de Gonçalo Xavier de Alcaçova apenas aparece no memorial de Sanches, a 16 de Agosto de 1772, para lembrar que lhe mandou o Journal encyclopédique. Também as notas são mais raras e tratam de coisas minimas. A ultima que copiamos refere-se a um convénio que fizera com o seu barbeiro: «26 novembre 1782. Accord avec le perruquier. Rue Blanc Manteaux. Un ecu par mois à commencer d'aujourd'hui deux fois par semaine raser et accommoder toutes les perukes une fois par mois, pendant que je serai malade et chaque jour etant en santé» (fl. 321). Falecido o ilustre médico, ainda encontramos entre os manuscritos que pertenceram ao Conde da Barca e hoje na posse do nosso distinto colega. Manuel de Oliveira uma carta de Alcaçova a D. Vicente de Sousa Coutinho, datada de Lisboa 23 de Dezembro de 1783. Nessa carta, que mostra claramente o espirito timorato do Académico, destacamos os seguintes períodos:

«É muito natural que V. Exa. não ignore a dilatada

correspondencia que por muitos annos tinha tido com o nosso estimavel Dr. Sanches; e como não sei se elle teria a ociosidade de conservar algumas cartas minhas não o merecendo e sendo ellas escritas com aquella liberdade que permite a verdadeira amizade estimaria muito não viessem a publico ou ficassem em mãos de fazerem d'ellas algum uso não merecido; e assim. rogo a V. Exa que sendo-lhe possivel alcançal-as, mas quizesse remeter, ou entregal-as ao fogo como merecem.

A este respeito escrevi ao abbade Magalhães, como também Luiz Pinto; esperando estivesse em Paris, como successor da pensão do Dto Doutor, porem tendo noticia ainda se acha em Londres não posso deixar de encaminhar á presença de V. Exa esta supplica...

Tambem me atrevo a pedir-lhe que queira dizer quaes foram as ultimas disposições do Dtº Sanches e onde vão a parar os seus impressos e importantes manuscritos, e se a nossa côrte se não aproveita da occasião para os poder alcançar, no que trabalhei por muitos annos, mas que infelizmente não pude conseguir».

Dois annos depois de escrita esta carta, baixava ao túmulo o amigo de Sanches e que hoje merece as linhas que lhe consagramos pela fidelidade da sua dedicação.

Damos por terminadas as nossas indagações, embora ainda se pudessem juntar alguns nomes á lista dos amigos portugueses do ilustre médico. Convem todavia não abusar da paciência dos leitores e não ocupar mais espaço numa publicação reservada a mais valiosos trabalhos. Dos amigos de Sanches, que estudamos, dois ha que sobrelevam em importancia aos outros, Soares de Barros e João Jacinto de Magalhães, mas todos êles merecem a nossa simpatia ou pela comunhão espiritual em que estiveram com um dos poucos Portugueses que no campo das sciencias médicas honraram o seu país no estrangeiro ou porque se esforçaram em tornar os últimos annos da sua vida menos cortados de amarguras.

Inocencio diz que nasceu, provavelmente em Lisboa, a 12 de Setembro de 1712 e naquela cidade faleceu em 1785. Foi membro da Academia Real da Historia e mais tarde da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Publicou algumas orações e dissertações que não vimos, deixou outras manuscritas, mas umas e outras se nos afiguram de valor muito reduzido.

Não podemos afirmar de um modo positivo em que época se relacionou o médico expatriado com o Secretário da Academia Real da Historia. Supomos que a *Dissertação sobre as paixões da alma*, que Andry fez publicar, depois da morte de Sanches, na Encyclopédie méthodique lhe foi dirigida, e esse trabalho foi concluído em 11 de Dezembro de 1753²⁰. A leitura do *Journal* de Sanches prova que de 1768 até à morte do médico as suas relações epistolares foram intensas. Sanches remetia-lhe livros repetidamente e escrevia para êle pequenos tratados sobre questões económicas e políticas. Alcaçova, pelo seu lado, patrocina tudo quanto interessava ao médico seu amigo e quer no restabelecimento da pensão que Salema tinha suspenso, quer para a venda da livraria que por vezes esteve em vésperas de se realizar, prestou-lhe dedicados serviços.

Lançemos os olhos para esse minucioso diário. Em 1 de Fevereiro de 1769 e a 15 de Março do mesmo ano, registou o expatriado que tinha expedido algumas remessas para Lisboa. Parece que Gonçalo Xavier esteve em Paris por esta época e foi o portador de uns livros de direito publico que lhe entregou a 21 de Março. Novas remessas de livros são notadas a 30 de Julho e 1 de Setembro. Eram o *Journal encyclopédique*, um *Atlas de géographie antiga* e outras não especificadas. Conto Váriigny tivesse empenho em saber se o seu livro sobre o *Pouvoir des papes et les libertés de l'Eglise française* estava traduzido em português, projectava Sanches mandá-lo perguntar a Sacheti Barbosa e a Gonçalo Xavier. A correspondência foi menos amiudada em 1770. Apenas encontramos duas notas de 20 de Janeiro e 14 de Fevereiro. Na primeira destas datas enviava-lhe o *Journal Encyclopédique*: na segunda oferecia-lhe o seu *Método para aprender e estudar a medicina*.

Passa o ano de 1771 sem nenhuma indicação. Logo, porém, no principio do seguinte, a 27 de Janeiro, vemos notada a remessa de uns medicamentos ao seu amigo. A 29 de Outubro e 2 de Novembro transcrevia no seu *Journal* duas

cartas que dirigira a Gonçalo Xavier sobre a venda dos seus livros.

Transcrevemos a parte mais importante dessas epistolas: «Bem sabe V. Ill.^a o que deva responder-lhe e se reduziu ao seguinte: que no principio do anno 1770 a côrte de Portugal me propuzera comprar os meus livros, pedindo-me o catalogo delles e o preço que pretendia por elles: e que satisfizera a esta proposta, mandando as condições da compra e de que modo devia ser feito o contracto por Notario, etc., mas que não recebera resposta alguma decisiva»²¹.

O trecho seguinte mostra o empenho que êle tinha em que os seus manuscritos viessem a pertencer ao nosso país: «Nesta consideração peço a V. Ill.^a queyra acabar este empate para não perder esta favoravel occasião; e para que V. Ill.^a e S. E. O sr. Martinho de Mello fiquem convencidos quanto desejo que os meus livros acabassem em Portugal e principalmente os meus manuscritos e alheos, ainda que não fossem que para alimento da traça e dos ratos, aqui ponho as ultimas condições do contracto»²².

Nós é que nos dispensaremos de o fazer por termos tratado da questão no livro acima citado.

Provavelmente, Gonçalo Xavier algumas diligências fez no sentido de ultimar a venda, visto que no ano seguinte, a 25 de Abril, o médico lhe remeteu o catálogo da sua biblioteca. A 15 de Maio enviava-lhe pérolas e mais livros.

Durante um período de tres anos o *Journal* não torna a fazer referencia a Alcaçova, e só o encontramos de novo em 1777, em que a 12 de Fevereiro Sanches outra vez fala em livros destinados ao seu amigo. A 19 de Abril enviava-lhe, por intermedio do secretário do Embaixador em Paris, José dos Santos Branco, uma carta a que já fizemos referencia no nosso livro sobre Ribeiro Sanches, mas que merece mais detida menção. Sanches receava que a pensão que recebia do nosso Governo lhe fosse retirada, pela mudança do Embaixador e desejava que lhe fosse confirmada por determinação régia. Noticiava ao seu amigo que desde 1763 recebia com toda a regularidade a que a Russia lhe concedera. Por ultimo referia-se á venda dos livros, que o Marquês de Angeja desejava adquirir.

A parte mais interessante da carta, apesar de já publicada, pedimos licença para a reproduzir. Refere-se ás contestações com Monsenhor Salema que deram em resultado ficar em

Ocupando-se este Projecto das comunidades que no decurso da época moderna se dedicaram ao trato comercial e financeiro, nas principais cidades europeias e da Ibero-América será, naturalmente, continuado num futuro próximo com outras investigações dedicadas a outros ramos de actividade e de saberes das comunidades sefarditas. Em Portugal está por fazer, não apenas investigação nova, mas também sistematização credível da informação já disponível. Nada melhor do que um *Dicionário* para levar a cabo esta tarefa.

Particularmente interessante será o contributo da pesquisa programada para os arquivos ibero-americanos, da qual se espera visível renovação da historiografia. No seu conjunto, esta investigação vai trazer conhecimentos novos numa área importante da história económica da época moderna europeia, revestindo-se da maior importância para a história da comunidade portuguesa, e consequentemente para o enriquecimento da sua historiografia. De resto, o papel dos sefarditas portugueses tem sido relevado pela melhor historiografia europeia (Braudel, Wallerstein e Schumpeter). A realização deste projecto tem como fim a preparação para edição de um largo grupo de textos / verbetes que se podem considerar essenciais para o estudos do papel dos sefarditas portugueses na economia de Portugal, na economia dos países onde se estabeleceram e na própria economia mundial, quer na sua dimensão puramente mercantil, quer na sua vivência sociológica e cultural associada às comunidades em que se integraram ou que criaram.

Assim, pretendemos colocar ao dispor de uma larga comunidade científica/nacional e não só -, um repertório biográfico e toponímico correspondente a uma investigação científica sistemática e sistematizada, que possa ser a base de futuras investigações sobre a economia dos sefarditas portugueses.

Com este dicionário pretende-se ainda criar uma dinâmica de trabalho científico que dê, finalmente, visibilidade ao peso que a comunidade sefardita portuguesa teve no desenvolvimento do capitalismo e da economia moderna, não só na sua efectiva capacidade económica, mas também na sua essencial tarefa de teorização e de criação de técnicas e ferramentas conceptuais sem as quais o mundo económico de hoje não seria como o conhecemos.

CICLO DE CONFERÊNCIAS 2002

Decorreu mais um ciclo de conferências organizado pela Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste». Neste ano de 2002, foram oferecidas as seguintes lições:

Abril 18

José Alberto Rodrigues Tavim
"História e «Histórias» dos Judeus de Cochim"

Maió 16

Henrique Leitão
"A Difusão Europeia da Obra de Pedro Nunes"

Junho 6

Herman Prins Salomon
"O *Hakam* Saul Levi Mortera e a Vaca Vermelha: um contra-ataque em português ao catolicismo, ano 1619"

II CURSO LIVRE DE LÍNGUA E CULTURA HEBRAICA

A 12 de Março teve início mais uma edição do primeiro nível de Língua e Cultura Hebraica, ministrado pelo Professor Doutor José Augusto Ramos.

O curso teve cerca de duas dezenas e meia de alunos, a saber: Aline Hall, Álvaro Santos, Ana Francisca, Ana Luís Mourão, Arnaldo Marques, Catarina Cohen, Diogo Peixoto, Eduardo de Sousa Ferreira, Fernando Virgílio Ferreira, Florbela Veiga Frade, Helena Coelho Serpa, Ilda Sobral Coelho, João Guilherme da Costa Ribeiro, Jorge Peixoto, Jorge Sequerra, José Manuel Gomes Albuquerque, Manuel Morgado, Maria da Conceição Macieira, Maria Ester Cunha, Maria Eugénia Nina Morão, Maria Leonor Sequeira, Maria Teresa Vidal, Mariana Portugal, Paula Cristina Sousa, Rita Samuel Manuel, Rosa Maria Coito, Sara Alexandra Ladeira, Sara Simões e Cunha, Selomith Elva Gama Cohen, Sérgio Nunes Mendes, Sofia Isabel Frade, Soledad Jimenez Hinojosa.

(21) Pag. 133 do 4.º volume dos mss. de Paris.

(22) Idem.

V CURSO DE ESTUDOS SEFARDITAS Os Sefarditas portugueses na emergência do Mundo Moderno. Práticas económicas e formação dos mercados.

Realizou-se entre Fevereiro e Maio o V Curso Livre de Estudos Sefarditas, ministrado pelo Prof. Doutor A. A. Marques de Almeida.

Foram participantes: Ana Bela Monteiro Matias, João Cosme, João Manuel R. Guerreiro, José Carlos Calçada Bastos Aires, Florbela Veiga Frade, Maria Fernanda Guimarães, Maria Odete Bouzon, Monique Benveniste, Paula Cristina dos Santos Sousa e Sofia Paulo.

VI Curso de Estudos Sefarditas Problemáticas da Escrita da História: Os Sefarditas Portuguesas na Historiografia Nacional.

Docente:

Paulo Mendes Pinto

Centro de Estudos em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona
Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste»

Apresentação e Objectivos do Curso

O Curso Livre sobre problemáticas da escrita da História, centrado na visão que a historiografia nacional foi construindo dos judeus de origem portuguesa, destina-se a todos os eventuais interessados na História e Cultura dos Sefarditas portugueses, bem como a todos os que têm na Historiografia e na Teoria da História um campo de reflexão. Com este curso pretende-se percorrer alguns dos aspectos mais importantes da forma como a sociedade letrada portuguesa foi integrando, ou afastando, uma das suas parcelas mais ricas no campo da sua memória colectiva. Num primeiro momento serão tratadas questões centrais na construção do discurso historiográfico, da narrativa histórica, tais como as problemáticas à volta da validade e disponibilidade das fontes, as problemáticas sobre o papel e o lugar do historiador na leitura e interpretação dessas mesmas fontes, e, por fim, o sentido presente e futuro da visão histórica.

Num segundo momento, centrados nos estudos sefarditas, veremos como as obras de síntese sobre a História de Portugal trataram e enquadraram, ou omitiram, as comunidades, e os indivíduos, simultaneamente de origem judaica e de origem portuguesa.

Programa dos módulos

1. Primeiro módulo (quatro horas e meia - três sessões)

A Escrita da História

Módulo teórico que apresentará aos alunos algumas das principais questões que se colocam hoje em dia no campo da reflexão teórica sobre a validade e a construção dos discursos históricos.

Em três momentos (cada um de hora e meia) os alunos tomarão consciência das problemáticas relativas às fontes de que o historiador se serve no seu trabalho, às problemáticas da leitura dessas fontes e da escrita que a seguir efectua e, por último, o sentido e a validade do discurso que os historiadores efectuam, tomando-o com base nos dois pontos anteriores.

2. Segundo módulo (seis horas - quatro sessões)

Os sefarditas na historiografia portuguesa - séculos XVIII / XX

Neste segundo módulo far-se-á uma deambulação entre algumas das principais Histórias de Portugal, dando maior ênfase à produção novecentista e contemporânea.

O objectivo base deste percurso reside na verificação e análise das diversas formas de ver o sefardismo português pelos diversos autores, épocas e escolas. A procura das diferenças, das contradições, dos esquecimentos e do realce será o centro desta tarefa comparativa.

Autores a tratar: Duarte Nunes de Leão; Fr. Bernardo de Brito; Fr. António Brandão; Damião de Lemos Faria e Castro; Alexandre Hereulano; António Moreira de Sá; Pinheiro Chagas; Oliveira Martins; Fortunato de Almeida; Paulo Mereia / Damião Peres; António Sérgio; António Gonçalves Mattoso; Alfredo Pimenta; A. H. de Oliveira Marques; Joaquim Veríssimo Serrão e José Mattoso.

Funcionamento e Inscrições:

O curso funciona duas vezes por semana e terá início a 4 de Novembro. As sessões terão lugar nos dias 4, 6, 11, 13, 18, 20 e 25 do mesmo mês. Serão abertas duas turmas, uma a funcionar das 13.00 às 14.30h e outra das 18.30 às 20.00h.

As inscrições estão abertas durante o mês de Outubro, nas instalações da Cátedra, entre as 13.00 e as 17.30h.

A propina é do curso é de €150, tendo os estudantes uma redução de 50% neste valor.

Informações e Inscrições na Cátedra de Estudos Sefarditas, na Faculdade de Letras de Lisboa, Cidade Universitária, 1699 Lisboa Codex. Ou pelo telefone 217920000, fax 217960063, e e-mail: cat.ests.sefarditas@mail.fl.ul.pt.

BIBLIOTECA «ALBERTO BENVENISTE»

Ofertas

A Biblioteca da Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste» agradece as ofertas de teses, livros e artigos que em seguida se apresentam. Aos seus autores o nosso profundo obrigado.

texto, a, mais valiosa é a relativa á percussão, dando conta da descoberta de Avenbrugger, através da tradução francesa de Corvisart. Ao que afirma, Henriques de Paiva já ensaiara o novo processo de exploração.

Este ano de 1818 marca um padrão decisivo na sua vida. Por decreto de 6 de Fevereiro, D. João VI, houve por bem reintegrá-lo nas honras e prerogativas que perdera.. Paiva agradeceu a mercê, mas não voltou ao reino. Foi mesmo em 1824 nomeado professor de farmácia, matéria médica e terapeutica do Colégio Médico-Cirúrgico da Baía. Aí faleceu em 10 de Março de 1829.

Não podemos fixar com exactidão o começo das relações de Paiva com Ribeiro Sanches, mas foi antes da partida daquele para o Brasil, visto que Sanches lhe mandava a 30 de Julho de 1769 a tradução de Monro. No regresso, encontramos no *Journal* do médico da Corte da Rússia notícia de que Paiva lhe mandara algumas obras de ciências naturais, como as de Vandelli, a 7 de Novembro de 1776, e meses depois, como Turgot desejasse algumas maçãs de cipreste do Bussaco, Sanches mandava pedi-las a seu sobrinho Paiva¹⁶.

De que essas relações foram intensas não pôde haver duvida. Nas obras de Paiva ha muitas referencias ao seu parente e não só ás suas obras impressas, mas ao apógrafo que hoje existe na Biblioteca Nacional de Lisboa e que já sabemos que era destinado á instrução de João Pernelet.

Das obras que pudemos ver deste infatigável escritor, a primeira foi publicada em 1783, isto é, no mesmo ano da morte de Sanches. Pela primeira vez se lhe refere na *Doutrina das enfermidades venéreas do sr. José Jacob Plenck* (1786), tratando-se aí dos seus trabalhos impressos. Novamente se lembra dêle na *Medicina domestica* (1788) e no I.º volume é o *Tratado da saúde dos povos* o livro citado. No 3.º volume, encontra-se a primeira demonstração de que tinha estado em relações directas com o médico de Penamacor. Transcrevemos literalmente:

«Como o primeiro que usou do solimão sem duvida foi o Dr. Sanches, célebre médico português, que o aprendera na Sibéria de um cirurgião e depois o communicou ao Barão Van Swieten que o divulgou por toda a Europa, posto que com alguma diferença no método de administra-lo, exporei aqui o verdadeiro método do Dr. Sanches conforme este sábio médico mo communicou por cartas escritas de Paris, etc.
«Pergunta-me V. M. o uso do sublimado corrosivo ? Eu usei

(17) Pag. 346.

(18) Pag. 259.

dêle por muitos anos: comuniqui-o ao Barão Van Swieten com o método; mas êle não o quiz seguir quando escreveu dêle. Depois que saí da Rússia uso assim dêste remédio.

Preparo um meio tonel onde possa estar sobre uma pequena tripeça um homem nu com a cabeça de fora; mando botar nêle tanta água quente que chegue aos joelhos, e cobrir a boca do tonel com cobertores e lençol, que abracem o mesmo tonel á roda, ficando o pescoço de fora, etc¹⁷.»

Nas *Observações praticas sobre a tísica pulmonar* encontramos a seguinte passagem: «Ainda que os sinais da tísica referidos nêste artigo sejam assás claros, trasladarei aqui os que o Dr. Sanches traz em um manuscrito que dêle tenho.» O manuscrito é aquêle que acima mencionamos.

Ha nas *Memorias de história natural, de química, de agricultura, artes e medicina* algumas observações clínicas:

Numa delas relativa a cólicas vesicais, Paiva escreve:

«Finalmente não sabendo já a que recorrer nem atinando com a verdadeira causa da referida enfermidade consultei ao célebre Dr. Sanches, médico português, assistente em Paris, e este me respondeu que a origem da molestia lhe parecia gálico antigo, ou herdado ou adquirido: e que para se curar era necessario não só usar internamente do azougue de mistura com purgantes, mas também por unturas tópicas, e de manteiga de cacau metida na via posterior»¹⁸.

Na Memoria em que se prova que as. feridas de pelouro ou de armas de fogo são por si inocentes e simples a sua cura (1800) encontramos novas transcrições do manuscrito .a que tantas vezes nos temos. reportado.

Finalmente, no *Tratado teorico e práctico das chaças*, que Inocencio diz publicado em, 1802, acha-se ainda esta passagem concernente ás relações dos dois médicos portugueses: «O Dr. Sanches me comunicou por carta que êle dera e vira dar grandes doses de ópio misturado com sumo de limão, com bom sucesso, aos feridos; e eu tenho dado esta mistura tambem com feliz successo em semelhantes casos»¹⁹. Foi esta a ultima referencia que encontramos ao grande médico nas obras de Henriques de Paiva.

Gonçalo Xavier de Aleaçova

Dos amigos portugueses de Sanches o que talvez haja menos interesse em ressuscitar é Gonçalo Xavier de Aleaçova.

(19) Pag. 21.

(20) Maximiano Lemos *Ribeiro Sanches. A sua vida e a sua obra.* Porto 1911- pag. 148.

do *mettudo de fazer a vacinação* etc. (Lisboa, na oficina de João Procópio Correia da Silva, 1801) que escrevera por ordem e mandado régio.

De 1802, segundo Inocêncio, é a tradução do *Tratado theorico e pratico das chagas*, de Benjamim Bell (Lisboa, na oficina de João Procópio Correia da Silva, sem data) e só passados cinco anos encontramos outro trabalho seu, igualmente uma tradução do *Ensaio sobre a nova doutrina médica de Broëen em fôrma de carta por Manuel Rizo* (Lisboa, na nova oficina de João Rodrigues Neves, 1801). Neste livro, aos títulos já conhecidos, junta Henriques de Paiva os de deputado do Protomedicato e de lente da faculdade de filosofia na Universidade de Coimbra com exercício na cadeira de farmácia da cidade de Lisboa.

Em 1809 ainda aparecia um livro seu com o título de *Fundamentos botânicos de Carlos Linneu que expõem, em forma de aforismos, a theoria da sciencia botânica, vertidos do latim em português, ilustrados e acrescentados* (Lisboa, na oficina de Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões). O livro é oferecido ao ilustre botânico Fr. José Mariano da Conceição Veloso. Numa advertencia ao leitor, diz êle que tinha composto e ordenado uns *Elementos de botânica médica* de que imprimira algumas folhas, mas haviam sobrevindo estorvos que lhe tolheram a publicação. Este aviso tem a data de 24 de Maio de 1807.

As convulsões politicas em que o país se debatia tiveram uma grande influência na vida do nosso médico. Tendo aderido ao Governo Francês no período da primeira invasão, foi depois perseguido como jacobino e mandado prender a 15 de Dezembro de 1808 (V. Doc. n.º 6). Foi degradado das honras militares (V. Doc. n.º 8), encarcerado no presidio da Trafaria (V. Doc. n.º 9), mas tendo-se ali desenvolvido umas febres malignas foi transferido para a cadeia de Almada, voltando para a primeira prisão logo que cessaram os motivos da transferência. Afinal, por sentença do Juizo da Inconfidencia de 24 de Março de 1809, viu-se demitido de todos os cargos que exercia e condenado a degredo para o Ultramar. Êle próprio escreve na dedicatória á nação portuguêsã que antecede a sua tradução do *Manual de medicina e cirurgia*, pelo dr. Belchior Adão Weikard: «Mas quando estava a ponto de dar mostras de ânimo agradecido, sufocaram meus ardentes desejos e suspenderam os efeitos da minha vontade as adversidades notorias a vós todos, as quais inopinadamente

me encarceraram e me arrancaram do seio da minha consternada família, arremessando-me para longe dela .»

Esta dedicatória tem a data de 4 de Outubro de 1817. Parece-nos, porém, que antes dessa data Henriques de Paiva já residia na Baía. Dizemos isto porque em 1813 era publicada naquela cidade a sua tradução do livro. *Da febre e da sua curação em geral ou novo e seguro método de curar facilmente por meio dos acidos minerais, todas as especies de febre, pelo dr. Gotofredo Chrestiano Reich*, traduzido do alemão em francez pelo doutor Marc (Baía, na tipografia de Manuel António da Silva Serva, 1813). Em 1815 a primeira edição da sua *Memoria sobre a excellencia, virtudes e uso medicinal da verdadeira água de Inglaterra da invenção do Dr. Jacob de Castro Sarmento, membro do Real Collegio dos Médicos de Londres e Socio da Sociedade Real*, etc. *actualmente preparada por José Joaquim de Castro, na sua Real Fábrica, por decretos de Sua Alteia Real o Principe Regente* (Baía, na mesma tipografia, 1815, e reimpressa em Lisboa, na Imprensa Régia 1816). Igualmente nêsse ano de 1816 saiu, em dois volumes, da mesma tipografia Silva Serva o *Prospecto de um systema simplicíssimo de medicina, ou illustração e confirmação da nova doutrina médica de Broëen, pelo Dr. Belchior Adão Weikard, conselheiro de S. M. o Imperador da Russia, etc. Traduzido do allemão em italiano pelo Dr. José Frank*.

Dois anos depois, em 1818, publicava Henriques de Paiva uma nova tradução que julgamos ser o seu último trabalho. É o *Manual de medicina e cirurgia pratica fundada sob o systema de Broëen pelo D. Belchior Adão Weikard, conselheiro de S. M. o Imperador da Russia, etc. Tradução livre da segunda edição allemã em italiano, enriquecida de diversos preliminares de commentarios pelo Dr. Valeriano Luiz Brera*. Tirado em linguagem e ampliado dos additamentos da terceira impressão alemã e de anotações. (Baía, na Tipographia de Manuel Antonio da Silva Serva os dois primeiros volumes em 1818; e os dois restantes em 1819.) Paiva diz que havia quinze anos começara a traduzir este livro, mas que sendo incumbido por ordem superior de algumas comissões importantes, além dos trabalhos assíduos que tinha como inspector do laboratório e dispensário químico-farmacêutico dos exércitos e da marinha, tivera de pôr de parte o seu trabalho. Entre as anotações com que ilustrou o

(16) A carta de Turgot é de 18 de Janeiro de 1777.

MACIEIRA, Maria da Conceição, *A questão judaica no Portugal salazarista: Portugal no horizonte dos Judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Contributo para uma avaliação*. [Tese de mestrado em História Contemporânea], [s. n., Lisboa], 2001.

MORTERA, Saul Levi, *Tratado da Verdade da lei de Moisés. Escrito pelo seu próprio punho em Português. Edição facsimilada, leitura do autógrafo (1659), introdução e comentário por H. P. Salomon*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1988.

CRUZ, Maria Leonor Garcia, *A governação de D. João III: a Fazenda Real e os seus Vedores*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2001.

TAVIM, José Alberto Rodrigues da Silva, *A Inquisição no Oriente (século XVI e primeira metade do século XVII): algumas perspectivas*. Separata da revista *Mare Liberum*, (15) 1998, pp. 17-31., [Lisboa], [CNCDP], 1998.

TAVIM, José Alberto Rodrigues da Silva, *Outras gentes em outras rotas: judeus e cristãos-novos de Cochim - entre Santa Cruz de Cochim e Mattancherry, entre o Império português e o Médio Oriente*. Separata de *A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos*. [Lisboa, s. n., 1998].

PINTO, Paulo Mendes, *Sobre a aprendizagem do não necessário: o ensino liceal do hebraico em Portugal no século XIX. Separata das Actas do I Colóquio da APHELLE*, [s. n., s. 1., 2001].

Últimas Aquisições

ALBA, Amparo, ed., *Cuentos de los Rabinos, Cordova, El Almendro*, 1991. MAIMONIDES, (Mose bem Maimon), *Guía de Perplejos*. Ed. de David Gonzalo Maeso, Madrid, Trotta, 1994.

ALEXANDER, Tamar, ROMERO, Elena, ed., *Erased una vez ... Maimonides. Cuentos Tradicionales Hebreos. Antologia*, Cordova, El Almendro, 1996.

ALEXY, Trudi, *La mesuzá en los pies de la Virgen. Los marranos y otros judíos secretos*, Madrid, Siglo Vientuno, 2000.

AMADOR DE LOS RIOS, Jose, *Historia Social, Política y Religiosa de los Judios de España y Portugal*, Madrid, Aguilar, 1960.

AMASUNO SÁRRAGA, Marcelino V., *Alfonso Chirino, un médico de monarcas castellanos*, Valladolid, Junta de Castilla y León, 1993.

BARROS, Carlos, Ed., *Xudeus e Conversos na Historia. Actas do Congresso Internacional, Ribadavia, 14-17 de Outubro de 1991*. Vol. I: *Mentalidades e Cultura*; Vol. II: *Sociedade e Inquisição*, Santiago de Compostela, La Editorial de la BENBASSA, Esther, RODRIGUE, Aron, *Juifs des Balkans: espaces judéo-ibériques, XIV-XXe siècles*, Paris, Ed. la

Découverte, 1993.

BENBASSA, Esther, RODRIGUE, Aron, *História dos Sefarditas. De Toledo a Salonica*, Lisboa, Inst. Piaget, 2001.

BIRMINGHAM, Stephen, *The Grandees. America's sephardic elite*, Nova York, Syracuse University Press, 1997.

CANO, Maria José, Ed., *Yisshaq Ibn Jalfun. Poeta Cordobés*, Cordova, El Almendro, 1988.

CARO BAROJA, Julio, *Los Judios en la España Moderna y Contemporánea*, Madrid, Istmo, 1986.

GRAETZ, Michael, *The jews in nineteenth-century France. From the French Revolution to the Alliance Israélite*

HA-NAGID, Shemuel, *Poemas, I, desde el campo de batalla. Granada 1038-1056*. Ed. del texto hebreo, int., trad. Y notas de Ángel Saenz-Badillos e Judit Targarona Borrás, Cordova, El Almendro, 1988.

HASSÁN, Iacob M., Ed., *Actas del Primer Simposio de Estudios Sefardies (Madrid, 1-6 de Junio de 1964)*, Madrid, Insstituto «Arias Montano», 1970.

KAPLAN, Yosef, *Do cristianismo ao judaísmo. A história de Isaac Oróbio de Castro*, Rio de Janeiro, Imago, 2000. Historia, 1994.

KAYSERLING, Meyer, *Biblioteca Española-Portuguesa-Judaica. And other studies in Ibero-Jewish bibliography by the author, and by J. S. da Silva Rosa; with a bibliography of Kayserling's publications by M. Weiss. Selected with a Prolegomenon by Yosef Hayim Yerushalmi*, Nova York, Ktav Publishing House, 1971.

LÉVY, Lionel, *La nation juive portugaise: Livourne, Amsterdam, Tunis. 1591-1951*, Paris, L'Harmattan, [1999].

MAIMONIDES, (Mose bem Maimon), *Guía de Perplejos*. Ed. de David Gonzalo Maeso, Madrid, Trotta, 1994.

MARTÍNEZ LIÉBANA, Evelio, *Los judios de Sahaún en la transición del siglo XIV al XV*, Valladolid, Junta de Castilla y León, 1993.

MÉCHOULAN, Henry, dir., *Les juifs d'Espagne: histoire d'une diaspora. 1492-1992*, Paris, Liana Levi, 1992.

MOTIS DOLADER, Miguel Ángel, *Los Judios en Aragón en la Edad Media (siglos XIII-XV)*. Colección: *Mariano de Pano y Ruata*, [s. l.], Caja de Ahorros de la Inmaculada, 1990.

NAVARRO PEIRO, Angeles, int., *Narrativa Hispanohebraica (siglos XII-XV): Introduction y selección de relatos y cuentos*, Cordova, El Almendro, 1988.

PHILIPPE, Béatrice, *Les Juifs à Paris à la Belle Époque*, Paris, Albin Michel, 1992.

PULIDO SERRANO, Juan Ignacio, *Injurias a Cristo. Religión, política y antijudaísmo en el siglo XVII (Análisis de las corrientes antijudías durante la Edad Moderna)*, Alcalá, Universidad de Alcalá, 2002.

PULLAN, Brian, *The Jews of Europe and the Inquisition of Venice, 1550-1670*, Londres, I. B. Tauris Publishers, 1997.

ROMERO, Elena, *Bibliografía analítica de ediciones de coplas sefardíes*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

ROMERO, Elena, *Repertorio de noticias sobre el mundo teatral de los sefardíes orientales*, Madrid, Instituto «Arias Montano», 1983.

SAENZ-BADILLOS, Angel, TARGARONA BORRAS, Judit, org., *Poetas Hebreos de Al-Andalus (siglos X-XIII)*. Antología, Cordova, El Almendro, 1990.

SAENZ-BADILLOS, Angel, TARGARONA BORRAS, Judit, org., *Gramaticos Hebreos de Al-Andalus (Siglos X-XII)*. Filología y Biblia, Cordova, El Almendro, 1988.

SAENZ-BADILLOS, Angel, TARGARONA BORRAS, Judit, org., *Diccionario de autores judios (Sefarad. Siglos X-XV)*, Cordova, El Almendro, 1988.

SALVADOR, José Gonçalves, *Os Cristãos-Novos em Minas Gerais durante o ciclo do ouro (1695-1755). Relações com a Inglaterra*, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1992.

SANTOS, Maria Helena Carvalho dos, Coord., *Os Judeus Portugueses entre os Descobrimentos e a Diáspora. Catálogo da Exposição*, Lisboa, FCG, 1994.

SOLA-SOLÉ, Josep M.; ARMISTEAD, Samuel G.;

SILVERMAN, J., Eds, *Hispania Judaica. Studies on the History, Language and Literature of the Jews in the Hispanic World* [I. History; II. Literature; III. Language], Barcelona, Puvill, [s. d.].

TAVARES, Maria José Ferro, *Os Judeus em Portugal no século XIV*, Lisboa, Guimarães Editores, [1999].

APOIO À INVESTIGAÇÃO

A Cátedra de Estudos Sefarditas acolheu em Abril o Prof. Peter Mark (Wesleyan University) que neste momento dedica parte dos seus estudos à pesquisa sobre comunidades de judeus portugueses na Senegâmbia em pleno séculos XVI.

Para ele os nossos mais reconhecidos votos de felicidade neste seu novo campo de trabalho.

A Cátedra deu apoio bibliográfico ao projecto de investigação sobre a família d'Avigdor, levado a cabo por Chaim d'Avigdor.

Para esta pesquisa também os nossos mais sinceros desejos de êxito.

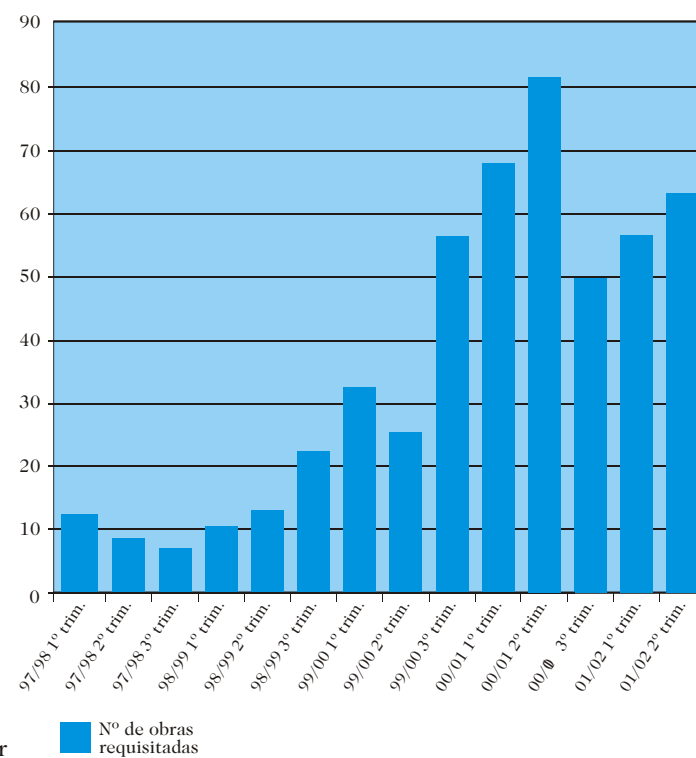
A LEITURA

A consolidação científica da Cátedra de Estudos Sefarditas continua a ter na sua biblioteca um importante instrumento.

Os anos lectivos de 1999/2000 e de 2000/2001 ficaram marcados por um aumento substancial da aquisição de obras. Os índices de leitura mostram que esse esforço foi bem recebido pelos nossos colaboradores eleitores.

O ano lectivo a decorrer marca a clara consolidação da Cátedra como um espaço especial de referência bibliográfica onde os investigadores se dirigem amiúde.

Quadro com o número de obras requisitadas nos últimos quatro anos lectivos segundo os respectivos trimestres



■ Nº de obras requisitadas

Desde que se transferiu á capital do reino, Henriques de Paiva começou a publicar com uma fecundidade espantosa obras de vulgarização científica, sobretudo de medicina, farmácia e agricultura, originais e traduzidas.

Conquistara a protecção e amizade de Pina Manique, a quem ofereceu os seus *Elementos de química e farmácia* (1783), escritos por instigação do célebre Intendente de Policia. Também o patrocinou o P.º Francisco José d'Aguilar, farmacêutico e examinador do Protomedicato, em cujo laboratório realizou umas preleções de química e história natural; que pelo menos chamaram a atenção sobre o novo médico¹³.

Nas *Instituições de cirurgia teórica e prática*, extraídas de José Jacob Plenck (1786), Paiva intitula-se filósofo, cirurgião e médico porcionista da Universidade de Coimbra, antigo demonstrador de química, e mestre do laboratório químico da mesma Universidade, boticário aprovado, sócio e correspondente de várias academias nacionais e estrangeiras.

Uma das corporações científicas de que fazia parte era a nossa Academia das Sciencias, da qual se retirou em 1787, maguado por desconsideração es de que se dizia victima.

Em Junho de 1783, renovava a publicação do *Jornal Enciclopédico* que tinha sido criado por Felix António Castrioto. Era uma especie de magazine, em que se tratava de questões científicas e literárias e que muito, concorreu para a difusão das ideias no nosso país. Paiva publicou nêlé artigos de botânica, química, farmácia e medicina, sem falarmos na análise das publicações que iam saíndo em Portugal e no estrangeiro. Médicos, teve por colaboradores José Manuel Chaves, Manuel José Leitão, Mendonça Moraes, Sá Matos, e António de Almeida (de Penafiel).

A publicação do periódico não absorvia a sua actividade. Ia escrevendo: o *Aviso ao povo ou sumário dos sinais e sintomas das pessoas envenenados com venenos corrosivos* (Lisboa, na oficina Moraziana, 1787); o *Aviso ao povo ou sumário dos preceitos mais importantes concernentes á criação das crianças* (Lisboa, na mesma tipografia e ano); a tradução da *Medicina doméstica*, de Guilherme Buchan (Lisboa, na oficina Moraziana, 1788, reimpressa três vezes); a tradução das *Observações práticas sobre a tísica pulmonar*

do Dr. Samuel Foart Simmons (Lisboa, na oficina dos herdeiros de Domingos Gonçalves, 1789); as *Memórias de história natural, de química, de agricultura, artes e medicina, lidas na Academia Real das Sciencias de Lisboa* (Lisboa., na tipografia Nunesiana, 1790), em que dá noticia da ictiocola, do salepo, da jalapa, do mucuná, da aguaxima, da dedaleira, além d'outras; a tradução do *Método seguro e facil de curar o gálico*, de J. J. Gardane (Lisboa, na oficina de António Gomes, 1791).

Ainda, no ano seguinte, publicava um *Curso de medicina teórica e prática, destinado para os cirurgiões que andam embarcados*, de que apenas saiu o primeiro tomo (Lisboa, na tipografia Silviana, 1792).

Paiva já se introduzira na clínica distinta de Lisboa. Uma das suas clientes foi a Marquesa de Alorna que, por conselho dêle, combateu uma bronquite de que sofria com o uso do musgo islândico¹⁴.

Depois de terminado o *Jornal Enciclopédico*, ha uns anos de tranquilidade para Henriques de Paiva: Provavelmente esereveu menos por andar envolvido em trabalhos industriais, criando uma fábrica de produtos químicos em Cacilhas que não sabemos se floresceu¹⁵.

No último ano do século a sua actividade retemperou-se. Só desse ano temos dêle as traduções da *Divisão das enfermidades segundo os principios do systema de Brown pelo Dr. Valeriano Luis Brera* (Lisboa 1800, na oficina de Simão Thaddeu Ferreira); da *Memoria em que se prova que as feridas de pelouro ou de armas de fogo são por si inocentes e simples a sua cura* de D. Paulo Antonio Ibarola (Lisboa 1800, na oficina de João Procopio Correia da Silva); e da *Clave da pratica medico-browniana*, do Dr. Weikard (Lisboa, na oficina de Simão Thaddeu Ferreira, 1800).

Nas obras publicadas em 1801, Henriques de Paiva junta aos seus títulos anteriores os de médico da câmara de sua altesa o Principe Regente e de censor régio. Eram a tradução da *Filosofia química* de Fourcroy, (Lisboa, na oficina de João Procópio Correia da Silva, 1801) que oferecia ao Marquês de Angeja cujo pai o auxiliara nos seus estudos e que na sua quinta do Lumiar, além de estabelecer um jardim botânico, organizara um precioso museu de produtos naturais; e uma noticia da vacina com o titulo de *Preservativo das bexigas e dos seus terríveis estragos ou história da origem e descobrimento da vaccina, dos seus efeitos ou symptomas e*

(14) Observações práticas sobre a tísica pulmonar, nota a pag. 48.

(15) V. Documento n.º 5.

Ribeiro Sanches. Os elementos que serviram ao snr, Pedro A. d'Azevedo, a quem devemos todos os documentos sobre que se baseia este nosso artigo, para o organizar foram colhidos em diferentes processos da Inquisição.

Quando foi interrogado, disse Antonio Rodrigues de Paiva que era casado com Isabel Aires e tinha três filhos e uma filha chamados José, António, Eusebio e Isabel, sendo o mais velho o José de seis anos. Aprendera, alguns princípios de gramática, e não recebera ordens algumas. Vivera sempre no reino, assistindo em Castelo Branco, Penamacor e S. Vicente, mas estivera em Lisboa, na Guarda, em Alpedrinha, Idanha, Covilhã, Sabugal e outras povoações que ficavam nas estradas que para estas conduziam. (Vid. Doc. n.º I.)

Outro documento foi desentranhado dos arquivos pelo Sr. Pedro A. deAzevedo.

Em 9 de julho de 1763, Antonio Rodrigues de Paiva, já então farmacêutico aprovado, e morador em Castelo Branco, requeria, em atenção a ter sido nomeado boticário das tropas portuguesas durante a campanha de 1762 e manifestado constantemente escrúpulo no exercício da sua profissão que se lhe concedesse ter botica aberta em Castelo Branco, apesar de ter um filho médico, partidista em S. Vicente da Beira, que por vezes era chamado a ver doentes na capital da Beira-Baixa. (Doc. n.º 2.)

Se - a pretensão teve despacho favorável, ignoramo-lo nós. O que sabemos é que o requerente se passou ao Rio de Janeiro em 1769 e comsigo levou seu filho Manuel que tinha então dezasete anos.

Com seu pai estudou aí Manuel a história natural, a química e a farmácia³. Sob a presidência do Marquês de Lavradio, António Ribeiro de Paiva, seus filhos José e Manuel, e António José Castrioto fundaram no Rio de Janeiro uma sociedade científica, em que o Manuel empregou a sua actividade e onde leu em 6 de Abril de 1772 um discurso analítico sobre diferentes especies de jalapa⁴. Ao Marquês de Lavradio dedicou êle um género a que chamou Lavradio, e em que fazia entrar o mucuná que aliás Correia da Serra classificava como um *dolichos*⁵.

Pouco tempo depois, veio para a Europa, com o propósito de ir estudar medicina em Paris e outros centros científicos; mas, entendendo que não seria do agrado régio que os Portugueses buscassem em outros países o que tinham no seu, matriculou-se na Universidade de Coimbra em Setembro

de 1772, recebendo logo a nomeação de demonstrador de química e história natural que exerceu pelo menos até 1777. Entretanto, ia frequentando as aulas de medicina, em que recebeu, o gráu de bacharel e fez formatura e os demais actos grandes.

Entre os seus professores de filosofia nomeia o físico Dolabela⁶ e entre os de medicina Antonio José Pereira⁷ e Francisco Tavares⁸.

Durante a época dos seus estudos universitários presidiu a uma sociedade de académicos que se reunia em sua casa, em Celas, a exercitar-se em palestras scientificas e para uso dos companheiros escreveu uns *Elementos de química*, que outro membro da sociedade verteu para português. Para êles compôs igualmente umas *Lições elementares de tinturaria das lãs*. Esta sociedade, que Balbi designa pelo nome de *Sociedade de Celas*, é chamada por Henriques de Paiva *Sociedade dos mancebos patriotas*⁹.

Paiva convivia em Coimbra com outros rapazes de ideias avançadas, lidos em Rousseau e Voltaire, que se tornaram suspeitos á Inquisição. Eram êles António Moraes Silva, Francisco José d'Almeida, Diogo José de Moraes Calado, etc. Contra êles se moveu um sumário em que Henriques de Paiva foi acusado de seguir e propagar doutrinas subversivas e principalmente de não respeitar o preceito da abstinência quaresmal, celebrando-se no laboratório químico da Universidade festins pantaagruélicos em que os fornos de revérbero eram empregados em cozinhar presuntos roubados. (V. Doc. n.º 3.)

Se os depoimentos do sumário, a que aliás a Inquisição não deu seguimento, são a expressão da verdade, Henriques de Paiva saiu de Coimbra pouco depois da Páscoa de 1779, queixoso d'injustiças que lhe fazia a Universidade. Em que elas consistiam não o sabemos, mas é de crêr que se referissem a contestações que havia entre êle e aquêle estabelecimento científico sobre o pagamento dos seus ordenados de preparador de química¹⁰.

Henriques de Paiva residiu, pelo menos temporariamente, em 1777 e 1778 em Caparica, onde observou uma epidemia de parotidites, mas em Abril e Maio de 1782 estava outra vez em Coimbra¹¹.

Nesse mesmo ano se deve ter estabelecido em Lisboa, ou suas vizinhanças, visto que em 1785 clinicava. no Pragal, termo de Almada¹².

NOTÍCIAS

Entre os dias 26 e 28 de Junho terá lugar em Madrid e em Alcalá de Hanares o **III Seminário Internacional de História** sob o tema "**El Sefardismo en las Relaciones entre el Mundo Hispánico y los Países Bajos en la Edad Moderna**".

Este seminário é organizado pela Fundación Carlos de Amberes e pelo Instituto Internacional de Estudios Sefardíes y Andalúsies.

Destacamos a participação de dois colaboradores da Cátedra, a Professora **Maria da Graça Ventura** e do Professor **António Borges Coelho**.

Tem estado em Portugal o colaborador da Cátedra, Prof. **Joseph Abraham Levi** (Rhode Island College), para realizar investigação.

Durante a sua estada, proferiu algumas conferências, de que salientamos:

"Da igualdade à paridade: os estudos sobre as mulheres nos Estados Unidos", 1º Curso Livre de Estudos Sobre a Mulher, Centro de Estudos sobre a mulher, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no dia 23 de Maio;

"No mundo da fénix. Cristãos-Novos e mulheres judias das diásporas: pilares do (cripto) sefardismo ibérico", CIDEHUS, Universidade de Évora, no dia 4 de Junho;

"Padre António Vieira, SJ, e a utopia: ponte entre o messianismo pátrio e o messianismo universal", Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a 5 de Junho;

"Islão", na Universidade Católica, a 6 de Junho.

Haïm -Vidal Sephiha, professeur émérite des Universités, e colaborador da CESAB, realizou no dia 19 de Junho, no Museu de Arte e de História do Judaísmo, em Paris, uma conferência com o título "LES BIBLES JUDÉO ESPAGNOLES".

No dia 12 de Junho, o colaborador da Cátedra, Dr. **Paulo Mendes Pinto**, realizou uma conferencia no Ciclo de Conferencias de História da Ciência «Patriarea Nestor», com o título "Religião Ciência Utensilagem Mental: os Sefarditas Portugueses e a Ciência do Renascimento".

A revista científica da Cátedra, «**Cadernos de Estudos**

Sefarditas», mereceu uma importante e acolhedora recepção pelas instituições de investigação nacionais. Disso nos regozijamos, estando já em preparação o segundo volume. Imagem da boa receptividade apontada, é a longa notícia dada pelo *Público*, através de texto de António Marujo de 25 de Fevereiro de 2002, com o título "Estudos do Judaísmo com novas Publicações".

Empenhados na divulgação da investigação realizada no âmbito da Cátedra, o primeiro volume foi enviado para mais de duas centenas e meia de centros de investigação nacionais, sessenta nos Estados Unidos, cerca de uma dezena em Israel, e mais de três dezenas para os restantes países do continente americano e Europa.

Acaba de ser criado, por assinatura do Protocolo entre a Câmara Municipal de Chaves, a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e a Embaixada de Israel em Portugal, no passado dia 3 de Maio, o **Centro de Estudos Judaicos da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro**.

Esta instituição ficará a funcionar nessa antiga cidade do Norte de Portugal, e tem como principal objectivo a identificação, inventariação e estudo dos vestígios das comunidades cripto-judas no Norte de Portugal. Como base deste projecto estão as ainda muito visíveis práticas locais e regionais que remontam exactamente a processos de ocultação da religiosidade judia.

Esperamos em próximos números dar mais e completas notícias deste novo Centro de Estudos a quem auguramos os mais prestimosos trabalhos de investigação.

Abriu no passado mês de Maio o **Centro de Estudos Judaicos (CEJ)** da Universidade da Beira Interior, inserido na Faculdade de Letras desta instituição.

Já em pleno funcionamento, o centro, dirigido pela Professora Antonieta Garcia, uma investigadora que tem editado vários livros sobre o judaísmo na Beira Interior, encontra-se situado no edifício da Biblioteca Central e tem como principal finalidade a recolha e tratamento de toda a informação existente sobre a presença judaica nesta região raiana.

Um dos projectos já em curso é a criação de uma página Web dedicada à pessoa e à obra de António Nunes Ribeiro Sanches, cristão novo, natural de Penamacor, médico, pedagogo e uma das figuras mais distintas do iluminismo português e europeu.

Para eventuais contactos o endereço electrónico do CEJ é:

(6) Id. Pag.101.

(7) Dedicatória das *Instituições de cirurgia teórica e prática*, t. I, Lisboa, 1786.

(8) *Doutrina das enfermidades venereas do dr. José Jacob Plenck*, Lisboa, 1786, pag.38.

(9) Memórias de história natural, pag. 236.

(10) V. Documento n.º4.

(11) *Aviso ao povo ácerca da sua saúde por Monsiuer Tissot*, Lisboa, 1786, I, pag. 161.

(12) Id. I, pag. 170.

(13) É o que se colige da dedicatória da *Doutrina das enfermidades venereas do Dr. José Jacob Plenck*, Lisboa, na oficina de Filipe da Silva Azevedo, 1786. A dedicatória tem a data de Lisboa, 2 de Abril de 1784.

cej@ubi.pt

Telefone: 275319700 - Extensão - 3384.

A Associação Portuguesa de Estudos Judaicos lançou recentemente o novo número da sua revista. Com um novo visual e uma novo ânimo, esta revista vem continuar a série lançada há já alguns anos pela mesma instituição da capital. Em próximo número esperamos dar notícia mais rica sobre a publicação, assim que dela tivermos presença.

A Associação Portuguesa de Estudos Judaicos levou a cabo duas conferencias no primeiro semestre de 2002.

A 21 de Janeiro teve lugar uma sessão com o Professor **Moisés Orfali** com o tema "Uriel da Costa entre a razão e a Fé"; no dia 21 de Fevereiro foi a vez de ouvir a Professora **Djanira Couto** com a conferencia "Judeus Portugueses no Império Otomano (séc. XVI)".

A Associação de Amizade Portugal-Israel levou a cabo mais uma das suas conferencias cutlurais. Desta vez apresentou, no dia 13 de Abril, o Professor **Haim Avni** com o tema "Portugal y España en la memoria contemporanea del pueblo judaico".

No dia 2 de Junho a Comunidade Judaica de Lisboa comemorou os 100 anos do lançamento da primeira pedra da **Sinagoga Shaaré Tikvá** (Portas a Esperança) na Rua Alexandre Herculano.

A cerimónia contou com a presença de Sua Excelência o Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio.

Integrado nas comemorações agora iniciadas, será constituído um museu centrado na comunidade judaica de Lisboa.

Editado pela conhecida editora de Leiden E. J. Brill, o clássico livro de **António José Saraiva**, *Inquisição e Cristãos-Novos*, conheceu versão em inglês. A apresentação decorreu na Torre do Tombo no dia 18 de Dezembro, a cargo de Joaquim Romero Magalhães, José Hermano Saraiva e, muito especialmente, **Herman Prins Salomon e Isaac S. D. Sasson**, ambos revisores e ampliadores da obra agora reeditada.

PELO MUNDO

Sinagoga de Barcelona. Vários meses de trabalhos arqueológicos confirmaram a localização do que terá sido um dos mais importantes templos da comunidade sefardita medieval de Barcelona.

A sinagoga agora encontrada trata-se de uma das mais antigas da Europa. Terá sido construída entre 1140 e 1180.

Sinagoga do Recife. Em Dezembro de 1999, na cidade do Recife, foi descoberta aquela que deve ser a mais antiga sinagoga do Novo Mundo.

A comunidade do Recife deve ter tido início em pleno século XVI, tendo estado ainda em mãos holandesas até 1654.

Neste Estado do Pernambuco, a comunidade sefardita teve um enorme peso na exploração do açúcar e em toda a actividade económica com o exterior.

Ciclo de Conferencias "JUDAÍSMO SEFARADÍ". A Comunidad Sefaradí de México, o Mercaz Sefarad del Colegio Hebreo Sefaradí, e a Federación Sefaradí Latinoamericana organizaram o Ciclo de Conferências "JUDAÍSMO SEFARADÍ", entre 26 de Fevereiro e 19 de Março, com o seguinte calendário:

26 de Fevereiro: "La influencia de la Cultura Sefaradí en las Comunidades Judías del Imperio Otomano", Liz Hamui de Halabe;

5 de Março: "El Impacto del Criptojudaísmo en la Conformación de la Identidad del Judío Moderno", Mauricio Pilatowsky;

12 de Março: "Cantos de Boda Judeo-Espanoles", Estrella Asse;

19 de Março: "Arte Sefaradí", Guite Wolanowsky;

Ulpán de Verão em Segóvia. Com a organização do Centro Martin Buber e da Sefarad Editores, e com a colaboração da Embaixada de Israel em Espanha, da Federación de Comunidades Israelitas de España, da Comunidad Judía de Madrid, da Asociación de Relaciones Culturales SegoviaIsrael e da Red de Juderías de España Caminos de Sefarad, decorreu em Julho um curso intensivo língua e cultura hebraica.

Os professores são falantes nativos que exercem a docência na Universidade de Jerusalém.

Os cursos (nível inicial e intermédio) tem uma duração de 19 jornadas lectivas, acompanhadas por actividades lúdicas e

19 jornadas lectivas, acompanhadas por actividades lúdicas e culturais.

Os níveis aqui ministrados são reconhecidos pela Universidade Hebraica de Jerusalém.

PELA NET

Para quem pesquisa, ou é interessado, em musica sefardita, é de ter em atenção o site **ZEMERL** (<http://www.princeton.edu/zemerl/>).

Este site apresenta uma enorme base de dados interactiva de musicas em Yiddish, Hebraico e em Ladino.

Os grupos apresentados, entre outros, são: musica de ambiente familiar (Lullabies, Children's Songs, Wedding Songs, Family Songs) , de férias (Shabes, High Holidays, Hannukke, Tu Bish'vat, Purim, Pesakh, Simkhat-Torah), miscelâneas, e temáticas (Drinking, Dancing, Singing, Shtetl Life, Suffering Parenting, Food).

Neste site é ainda possível colaborar na pesquisa de letras de músicas, assim como lançar pedidos de ajuda para pesquisas; basta contactar e-mail: zemerl@klezdispensers.com

AMIGOS DE RIBEIRO SANCHES

Continuação da News Letter nº6

Por Maximiano de Lemos

Manuel Joaquim Henriques de Paiva

Outro dos correspondentes de Ribeiro Sanches em Portugal era Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Ninguém hoje se lembrará deste nome que pelos fins do século XVIII e princípios do século XIX subscreveu uma infinidade de trabalhos de vulgarização que não merecem tal esquecimento. Não era o país, ao tempo, tão rico de cultores das sciencias que se possa olhar desdenhosamente para um sementeiro de ideias, de uma actividade extraordinária, que não só divulgou conhecimentos médicos, mas também de química e botânica.

Paiva era parente de Ribeiro Sanches. Rodrigues de Gusmão e Inocencio, depois de lhe terem apontado os nomes dos pais, Antonio Ribeiro de Paiva e Isabel Aires Henriques, e de afirmarem que nasceu em Castelo Branco a 23 de Dezembro de 1752, dizem que seu pai era irmão do célebre médico que motiva estas escavações.

É uma inexactidão que nós também cometemos, arrastados por aqueles ilustres bibliógrafos. Confundiram eles certamente o físico da côrte da Russia com um homónimo, também médico, que fez a sua carreira no Brasil, mas esse mesmo não era irmão de Antonio Ribeiro de Paiva, mas seu tio materno¹.

Antonio Ribeiro de Paiva, como cristão novo que era, compareceu no tribunal da fé, em Lisboa, a 16 de Janeiro de 1747. Disse que nascera em Penamacôr e morava em S. Vicente da Beira. Tinha vinte e cinco a vinte e seis anos de idade. Seu pai, já falecido, chamava-se Gaspar Rodrigues de Paiva, tratante, natural de Proença e morador em Penamacôr, e sua mãe era Maria Nunes Ribeiro, natural de Monforte, no termo de Castelo Branco, que ainda vivia. Seus avós maternos também já eram mortos e tinham os nomes de Manuel Nunes Ribeiro, lavrador, e *Perpetua de Lucena*, segundo lhe parecia².

O quadro seguinte mostra as relações de parentesco de Antonio Ribeiro de Paiva, e por conseguinte de seu filho com

(1) Vide Doc. N.º 2.

(2) Equivocava-se; chamava-se Ana Nunes Ribeiro.

(3) Memórias de historia natural, de química, de agricultura, e medicina. Lisboa 1790 pag.12.

(4) Memórias cit. Pag. 49. Segundo lemos no *Jornal Enciclopédico* (caderno de Julho de 1779, pag. 82) o presidente desta sociedade era José Henriques Ferreira, irmão de Manuel Joaquim Henriques de Paiva. A sociedade ocupou-se da cultura da cochinilha, no que muito se empenhou António José Castriot.

(5) Id. Pag. 54.